

VILÉM FLUSSER

Reflexões de alta fidelidade.

Há uma tendência do nosso tempo de encobrir linguisticamente fatos desagradáveis. Assim por exemplo crianças retardadas são chamadas "excepcionais", e as classes oprimidas "menos favorecidas". Tendências semelhantes sempre as havia, por exemplo a vitoriana de chamar cuecas as "indizíveis". Apenas nós encobrimos a miséria humana, e os vitorianos o sexo. Pois as reflexões que serão submetidas ao leitor não se referem, como ele talvez poderia presumir ingenuamente, à alta fidelidade monástico, ou cavalheiresca, ou amorosa, mas à alta fidelidade de tocadiscos. O termo encobre, no caso, o seguinte: Têdo tocadisco, (como tanta outra coisa na nossa circunstância), atesta a tendência da nossa cultura para o estereotipado, e os de "alta fidelidade" o fazem mais ainda. Mas o termo parece sugerir uma elite sofisticada que conseguiu libertar-se disto. (Como a criança "excepcional" encobre o seguinte: por ser retardada, não é normal, portanto digna de interesse.) A miséria de uma cultura estereotipada será pois o tema das reflexões seguintes.

Não será descrito o equipamento de alta fidelidade. Todos conhecem este tipo de móvel que se infiltrou na nossa morada. Ou é "funcional", no sentido de revelar impudicamente os altofalantes, pick-ups e arquivos de discos. É portanto altamente fiel ao caráter técnico-automático da nossa cultura. Ou é de "estilo", no sentido de esconder castamente esse caráter sob o pretexto de colonialismo barroco ou rusticidade de desbravamento do Oeste. É portanto altamente fiel ao estilo da nossa cultura, que é o estilo de escolher entre estilos por falta de estilo. Nem será ^{descrito} o funcionamento de tal equipamento. Pois é isto que caracteriza parte apreciável dos nossos objetos: ignorância quanto ao seu funcionamento não dificulta seu consumo, parece facilitá-lo. As reflexões presentes se limitarão à consideração desse próprio consumo.

Pois penhe um disco "de minha preferência" no equipamento. Portanto escolhi livremente o disco que quero ouvir agora. Terá sido realmente o critério da escolha a minha vontade livre? Obviamente fui determinado pelo critério do fabricante que escolheu lançar este disco e não outro no mercado. É verdade que muitos são os discos lançados, mas não é menos verdade que muitas são as mensagens musicais não disponíveis em discos. Assim foi restrita a minha escolha quantitativamente. O critério da escolha do fabricante foi determinado, entre outros fatores, por pesquisas do mercado, portanto aparentemente pela livre vontade de "têdes", inclusive minha. Assim aparentemente minha vontade age em dois níveis; no público, (mercado), e no privado, (toce este disco). Na realidade a vontade pública é tão problemática quante a privada: o mercado é manipulado. Os cri-

VILÉM FLUSSER

térias de tal manipulação são extremamente complexos, e envolvem considerações de ordem económica, social, política, psicológica e outras. Tal ramificação da motivação que me determina de escolher este disco e não outro, (e preferir inclusive inconscientemente tal disco a outro), cria, em sua complexidade inabarcável, a ilusão da minha "livre" escolha. Sou livre na minha escolha, porque ignoro as forças que me determinam. Este é, com efeito, o conceito da liberdade que predomina no mundo dito livre.

O disco escolhido livremente por mim passa a tocar e recebe a sua mensagem em alta fidelidade. Suponhamos que se trate de mensagem chamada na capa de disco "concertos brandenbúrgueses". A mensagem é altamente fiel a que, afinal das contas? ~~de~~ sem da orquestra que executou os concertos. Não distorce tal som, transmite exatamente o emitido. Claro é que isto é pretensão, não realidade. Claro é que o som foi modificado ao ser transmitido. A reprodução não é fiel, é apenas de alta fidelidade. "Alta" significa: "imperfeita, com imperfeição não admitida". Mas significa mais que isto. A saber: significa a pretensão de não interpretar o som emitido, de não querer modificar o som na sua passagem entre emissão e consumo. "Alta fidelidade" pretende isto: afirmar que não houve interpretação, mas apenas transmissão da mensagem. Se "interpretação" for "manipulação livre dentro dos limites do texto", "alta fidelidade" é sacrifício da liberdade em prol de transmissão perfeita. Mas a perfeição é impossível. É impossível, porque a matéria se recusa a ser modelada inteiramente de acordo com modelos pré-concebidos. De modo que na transmissão em alta fidelidade se infiltram ruídos pelas fendas da imperfeição do equipamento. A transmissão em alta fidelidade não resulta em transmissão perfeita, mas apenas em transmissão modificada casualmente, e não deliberadamente. O sacrifício da liberdade se torna questionável.

Mas a contradição "liberdade - fidelidade" não se esgota no aspecto mencionado. A orquestra que toca os concertos brandenbúrgueses para serem gravados em discos não toca "ao vivo", como o faz em salas de concerto, mas toca e retoca. Os retoques eliminam "erros", isto é: ruídos não deliberados. De maneira que neste nível a alta fidelidade funciona em sentido oposto ao primeiro. Poderia dizer-se portanto que neste nível a liberdade interpretativa foi restabelecida. Não é o que acontece. O regente pode fazer retocar não importa que trecho da obra não importa quantas vezes. Inclusive pode fazê-la tocar os trechos em ordem aleatória e fazer "montá-los" depois na ordem do texto. isto lhe permite fazer uma "leitura próxima"

VILÉM FLUSSER

ma" do texto, (close reading), ser portanto altamente fiel ao texto. Permite-lhe, em outras palavras, tirar o corpo da interpretação e apresentar uma "rendição perfeita", (nos limites da perfeição acima discutidos). De forma que a alta fidelidade permite a eliminação da interpretação em todas alturas que medem entre Bach, (o qual provavelmente a estas alturas está girando no túmulo), e mim, (que estou desfrutando Bach em pseudo-perfeição, portanto da única maneira como Bach não pode, não deve e não quer ser desfrutado, apenas consumido). O que aconteceu é isto: a pretensão da alta fidelidade em apresentar um Bach como produtor puro, a um consumidor puro como o sou eu, resulta em comunicação de um Bach morto e distorcido por ruídos acidentais a um consumidor inteiramente degradado em receptor passivo e irresponsável. Bach, régente, orquestra, equipamento e eu passamos a meros instrumentos passivos de um processo de comunicação automático, sujeito apenas aos ruídos aleatórios do momento que penetram as fendas da imperfeição do aparelho. Assim, absurdamente, a alta fidelidade consegue, (como todo aparelho automático), eliminar a liberdade.

A relação "obra original é aberta - interpretações variadas", (que é a relação cultural), é substituída no aparelho pela relação "obra prototípica fechada - reproduções estereotípicas de alta fidelidade". A alta fidelidade do tocadisco não passa de exemplo dessa substituição generalizada. O disco que penho no equipamento não é nem Bach original, nem cópia imperfeita de Bach, nem interpretação livre de Bach, (todas essas categorias de uma cultura ultrapassada são falhas para captar o disco), é Bach estereotipizado, altamente fiel a um Bach prototipizado. A prova física disto é que existem milhares de discos em tudo idênticos ao meu, a não ser que tenham sido individualizados por acidente, (rachados ou quebrados). O disco é um fenômeno típico, (= estereotípico), da revolução industrial e da sociedade de consumo. Muitos são os argumentos que depeem em favor de tal sociedade. Por exemplo a sua democratização, riqueza de variantes e acessibilidade. (Posso ouvir Bach em casa, muitos o podem, e posso ouvir uma variedade grande de discos. Na sociedade anterior Bach era praticamente inacessível, privilegio de elite.) Mas os argumentos contra prevalecem na medida na qual o processo avança. (Não tem muito sentido eu ouvir um Bach morto ao qual fui exposto passivamente Perce Bach ao aparentemente ganhá-lo.) Com efeito: Os argumentos de pretesto prevalecem e vêm adquirindo saber nitidamente protestante.

Há vários conceitos da liberdade. O da escolha, base da sociedade de consumo, é apenas um entre eles. Outro é o conceito da liberdade nutrido pelo protestantismo, e até certo ponto pelo talmudismo. E o con-

VILÉM FLUSSER

ceito da liberdade de interpretação, que é no fundo o da consciência livre. O que almejam protestantismo e talmud não é uma Bíblia transmitida fielmente, (e muito menos em alta fidelidade), mas uma Bíblia aberta à minha interpretação, interpretação essa que é ponto de fusão entre o texto e minha liberdade. Interpretação como síntese de fidelidade e liberdade, síntese criadora. Vale muito mais, para a mentalidade talmúdica e protestante, eu participar de uma orquestra que toca um concerto brandenbúrgues miseravelmente mal, eu até eu assistir e poder criticar tal orquestra, que ouvir passivamente um disco perfeito.

Pois esta parece ser a mentalidade daquela juventude que está perturbando a paz altamente fiéis sociedades e consciências altamente desenvolvidas. (Existe proporção direta entre desenvolvimento e fidelidade, já que desenvolvimento é o processo pelo qual a sociedade se aparelha.) Sem perigo de exagero é possível afirmar-se o seguinte: na medida na qual a alta fidelidade do alto desenvolvimento está sendo perturbada pelos ruídos de uma geração sedenta de interpretação, neste mesma medida está ocorrendo uma libertação num sentido quase inteiramente alheio ao liberalismo, (e quiçá também ao socialismo). Na medida na qual estão os jovens quebrando e rachando discos, estão quebrando estereótipos e rachando fendas pelas quais desde já podemos vislumbrar e raiar do futuro.